

GÊNEROS TEXTUAIS NA SALA DE AULA: CHARGE, CRÔNICA, CORDEL

José Milson dos Santos (IFRN)

milson.santos@ifrn.edu.br

INTRODUÇÃO

O trabalho com os gêneros textuais já é uma realidade em sala de aula. Fazem parte do programa da disciplina Língua Portuguesa em muitas instituições de ensino. Em alguns casos, ainda não recebem a abordagem recomendada, conforme estudiosos da linguagem, quando se prioriza a forma ou a estrutura em detrimento da questão enunciativa. Segundo Marcuschi (2006), a tendência atual é evitar a classificação e a postura estrutural, e observar o lado dinâmico, processual, social e interativo dos gêneros.

Muitos projetos, porém, têm sido desenvolvidos, sob esse enfoque enunciativo/discursivo, dentre os quais destacamos os projetos de leitura e produção textual com base nos módulos didáticos (LOPES-ROSSI, 2002; 2003; 2006), que têm apresentado bons resultados, tendo em vista a formação do leitor proficiente.

É com base nesse tipo de abordagem que apresentamos aqui o resultado de um trabalho desenvolvido em sala de aula de ensino médio com alguns gêneros da esfera jornalística da comunicação e com um da esfera artística ou literária: o cordel. O trabalho está centrado no que prevê o projeto: leitura de vários exemplares, a fim de que os alunos se apropriem das características temáticas, discursivas e composicionais dos gêneros em estudo; produção escrita inicial, seguida de revisão colaborativa dos colegas e de revisão do professor até a versão final do texto; divulgação ao público, conforme as condições de circulação do gênero.

Em um primeiro momento, faremos uma apresentação dos gêneros em estudo, a saber: a charge, a crônica e o cordel. Em seguida, detalharemos como se deu esse trabalho em sala de aula. Logo depois, analisaremos algumas produções dos alunos e faremos as nossas considerações finais.

1. OS GÊNEROS EM FOCO

No decorrer do século passado, principalmente a partir dos estudos de Bakhtin (1997; 2002), a noção de gênero tem-se expandido para todos os textos que circulam em nossa sociedade. Não apenas os textos mais prestigiados da esfera literária, como o poema, o romance e o conto, por exemplo, mas também o artigo científico, a notícia, a reportagem, a charge, entre muitos outros, apresentam determinadas características – relativamente estáveis – que nos permitem identificá-los como pertencentes a um gênero específico que circula nos mais diversos campos da atividade humana.

Assim, todos os textos, em qualquer modalidade, são inscritos num determinado gênero, até mesmo aqueles que Bronckart (2003, p. 73) insere na “linguagem ordinária”, como a conversação, a exposição ou o relato de acontecimentos vividos. A estes, Bakhtin (1997) chama gêneros primários, reservando a denominação de gêneros secundários para os que exigem uma elaboração mais cuidadosa ou mais complexa,

como os da esfera científica e literária da comunicação, por exemplo, e que geralmente pertencem à modalidade escrita da língua.

Trataremos, a seguir, de três gêneros textuais explorados na sala de aula, os quais serão analisados em nosso trabalho.

1.1 A charge

Os gêneros textuais da esfera jornalística cumprem relevante função para a sociedade, seja como divulgação da informação (notícias e reportagens), seja através do anúncio de produtos e oferta de serviços (anúncios publicitários e classificados), ou contribuindo para a formação de opinião, por meio de artigos, editoriais, crônicas e charges.

A charge constitui-se de um texto curto e preciso, com uma linguagem que pode variar de acordo com a intenção comunicativa; compõe-se de uma imagem, construída pelo desenho de caricatura, que enfatiza uma característica marcante de suas personagens, como os políticos, por exemplo. Além disso, trata sempre de um tema atual. Ela não tem o caráter atemporal do *cartum* (MENDONÇA, 2007), portanto envelhece a cada dia, como a notícia. Por falar nisso, a charge aborda um tema relacionado ao noticiário. “De certa forma, recria o fato de forma ficcional, estabelecendo com a notícia uma relação intertextual.” (RAMOS, 2010, p. 21). Assim, os jornais veiculam, diariamente, uma charge diferente. Para compreendê-la, é necessário que o leitor ative o seu conhecimento de mundo. Se esse conhecimento enciclopédico for limitado, limitada será a compreensão da charge ou, até mesmo, ela não será compreendida.

Uma das características que a aproxima do leitor é o humor, ocasionado, na maioria das vezes, pelo exagero na elaboração das caricaturas, pela ambiguidade e, até mesmo, pela crítica. Aliás, sua intenção comunicativa é mesmo criticar, denunciar um problema ou fenômeno social, a fim de fazer o leitor refletir sobre o mundo em que vive. E o faz por meio da ironia e do humor. Ao mesmo tempo em que o leitor se diverte com a situação apresentada, é convidado a refletir criticamente sobre ela. Desse modo, o leitor é capaz de se manter atualizado e crítico em relação aos fatos e à sociedade da qual faz parte, além de poder dialogar com seus pares, numa atitude responsiva.

Enquanto recurso didático, a charge se apresenta muito favorável ao trabalho em sala de aula, uma vez que pode despertar o senso crítico do aluno, contribuir para enriquecer o seu conhecimento enciclopédico e proporcionar a compreensão do mundo em que vive, conforme assinalamos anteriormente. É um texto de fácil acesso, pois pode ser encontrado em jornais diários, além da internet.

1.2 A crônica

A crônica é um gênero textual que oscila entre duas esferas da comunicação – a jornalística e a literária. É filha do jornal, considerando-se que aí nasceu e se desenvolveu como folhetim, pequeno espaço nos jornais, destinado às amenidades, aos assuntos mais leves do cotidiano. Mais tarde ganhou roupagem literária, mesmo porque muitos cronistas eram também escritores consagrados em outros gêneros, considerados

maiores na literatura, mas se renderam ao rés-do-chão. Além do mais, de início, muita obra literária era publicada mesmo no jornal.

Não nos interessa aqui travar uma discussão mais profunda sobre as origens da crônica ou da esfera da comunicação a que ela pertença. O fato é que ela “tanto reúne características da esfera jornalística quanto da literária. Em alguns textos, acentuam-se mais as características de uma ou de outra.” (SANTOS, 2008, p. 69). Interessa-nos, porém, elencar as características básicas desse gênero de texto, com o qual trabalhamos na sala de aula.

A crônica registra o circunstancial, os acontecimentos do cotidiano, discute os temas do dia - dos mais simples, os quais poderiam passar despercebidos, aos mais graves e polêmicos, como os que envolvem a política e a economia do país. E o faz de forma bem descontraída, ao sabor de uma conversa com o leitor. Sua função não é informar, mas entreter o leitor e fazê-lo refletir sobre a vida e sobre nossas atitudes. É assim desde suas origens, a fim de aliviar o leitor do peso das notícias e das reportagens veiculadas nas páginas do jornal. Os temas que ela aborda são tratados com graça e leveza. O cronista se utiliza do humor e da ironia, características marcantes do gênero.

Para dar esse grau de leveza, o cronista se vale de uma linguagem mais simples, menos monitorada em alguns casos, distanciando-se um pouco da formalidade de gêneros jornalísticos como os editoriais e as reportagens, entre outros. Muitas vezes, o autor traz para o texto marcas da oralidade, como frases ouvidas na rua ou empregadas como bordões por certos personagens da televisão, ditados populares, expressões típicas da fala, gírias. Em outras palavras, podemos dizer que ele adota um estilo coloquial de linguagem.

No que se refere, ainda, à linguagem, o cronista pode adotar, além de ágil e simples, um estilo poético. Seu estilo “[...] quer-se entre coloquial e literário.” (MOISÉS, 2003, p. 118). Assim, o cronista se vale da referencialidade da prosa jornalística, mas também explora, na vertente literária, as diferentes conotações das palavras, a polissemia da metáfora.

Outra característica que o cronista pode utilizar é a força criadora da fantasia (D’ONOFRIO, 1995, p. 123) na abordagem dos fatos cotidianos, na transformação da realidade do dia a dia. Assim, muitas crônicas adotam a sequência textual narrativa como dominante. Pode ser que ele não narre nada, apenas comente, analise, reflita - e nos faça refletir - sobre os temas do dia, mas pode também elaborar uma narrativa, ilustrando o fato ou o tema, com personagens e situações criadas, marcadas pelo dinamismo do discurso direto, a fim de tratar do assunto. Luís Fernando Veríssimo, só para citar um exemplo, faz isso muito bem. É nesse sentido que se fala em crônica narrativa, que, nesse caso, aproxima-se do conto.

É possível, ainda, que o cronista se valha do lirismo e derrame toda sua subjetividade ao abordar o tema. Logo, podemos perceber que estamos diante de um gênero de muitas faces. A respeito disso, corroboram com nossa opinião, as palavras de Simon (2007, p. 19):

[...] enquanto existem crônicas idênticas ou praticamente iguais a contos, no que se refere a sua adesão à organização narrativa, outras abdicam do narrar, constituindo-se em comentários ou reflexões, com mais ou menos lirismo; além de uma terceira modalidade, bastante comum, composta por uma mescla de narrativa, comentário e lirismo.

1.3 O cordel

O cordel é um gênero de texto da esfera literária ou artística da comunicação, cujas características fundamentais definem-se, aqui no Brasil, no final da década de 20 do século passado.

O termo *cordel* advém da forma como eram vendidos os folhetos - pendurados em cordões, barbantes ou cordas nas esquinas, nas feiras etc. Assim era feito na Europa, e assim passou a ser no Brasil, quando começaram a ser escritos os folhetos. Até 1970, aliás, eram chamados, aqui no Brasil, de *folhetos*. A partir de então, os estudiosos passaram a empregar o termo *cordel*, como se empregava em Portugal e, conseqüentemente, o termo se popularizou.

Cavalcante (1999 apud ABREU) corrobora com essa afirmação, como podemos atestar nos versos: “Cordel quer dizer barbante/ ou senão mesmo cordão”. E, ainda, em outro trecho: “Na França, também Espanha/ Era nas bancas vendida [...] Com seu preço popular/ Poderia se encontrar nas esquinas da avenida”.

Muitos autores e estudiosos costumam dizer que a literatura de cordel, no Brasil, originou-se da literatura de cordel portuguesa. Para Abreu (1999), essa teoria não se sustenta. A autora apresenta uma série de diferenças entre uma e outra.

Os cordéis portugueses abarcavam vários temas, vários gêneros ou formas de organização textual, como autos, milagres, vidas de santos, testamentos, palestras de vizinhas, peças de teatro, relações de festas e touradas, livro de feitiçarias, entre outros. Além disso, podiam ser escritos tanto em **verso** quanto em **prosa** ou em forma de **peça teatral**. No Brasil, é diferente. O cordel é escrito em verso e deve ser todo rimado, sendo a sextilha e a septilha as estrofes mais utilizadas pelos vates, além de obedecer à métrica setessilábica, ou seja, cada verso deve ser constituído de sete sílabas poéticas.

Inicialmente, as estrofes eram constituídas de quatro versos cada uma (**quadras**), com rimas do tipo ABCB, ou seja, o 2º verso rimando com o 4º, ou ABAB e, ainda, ABBA. Logo depois, Silvino Pirauá de Lima, percebeu que era necessário criar uma estrofe maior, para expandir as idéias, e para desenvolver uma unidade de sentido completa sobre um tema nas narrativas. Surge, assim, no final do século XIX, a **sextilha** – estrofe de seis versos, com rimas do tipo ABCBDB, ou seja, com rimas nos versos pares: 2º, 4º e 6º.

No início do século XX, conforme Abreu (1999), as quadras desaparecem das cantorias. Em seguida, surgem as **septilhas**, isto é, as estrofes formadas por sete versos, com rimas ABCBDDDB, ou seja, rimam o 2º, o 4º e o 7º versos, além de o 5º rimar com o 6º. Outro tipo de estrofe usado na cantoria e, em seguida, no cordel, é a **décima**, que se constitui de dez versos. Todos esses tipos de estrofe apresentam versos **setessilábicos**, isto é, versos que apresentam sete sílabas poéticas. Esses versos também podem ser chamados de **redondilha maior**. Algumas estrofes partem de um mote (tema), a partir do qual se desenvolve a glosa (nesse caso, uma estrofe de dez versos).

No que se refere ao aspecto temático, o cordel abarca todos os temas. Se inicialmente deu lugar a histórias de príncipes e princesas e toda a sorte de aventuras vividas pela nobreza (na Europa), e a narrativas de bois valentes que não se submetiam aos cavaleiros no sertão nordestino (cordel brasileiro), ao cangaço e às secas no nordeste, hoje abre espaço para temas polêmicos e problemas sociais de nosso tempo, como *A transposição do Rio São Francisco*, do poeta Erivaldo Leite de Lima, mais conhecido com Abaeté.

Se, em tempos passados, deu conta do imaginário popular (e continua dando), com suas histórias, crenças, lendas, como *A chegada de Lampião no inferno*, de José Pacheco, por exemplo, hoje também é produzido com a intenção de homenagear pessoas ilustres ou queridas dos autores, como *Cascudo, nosso mestre*, de Abaeté, no qual o poeta homenageia o grande folclorista potiguar Luís da Câmara Cascudo. Até mesmo times de

futebol são homenageados nos versos do cordel, como *América, time do meu coração*, de Izaías Gomes de Assis.

Muitos deles têm como intenção entreter, divertir o leitor – são os cordéis de gracejo, como *O periquito de Rosinha e a rolinha de Vicente*, de Apolônio Alves dos Santos. Outros tratam de temas mais sérios, mais graves, como um problema de saúde, por exemplo, mas de forma bem descontraída, a fim de chamar a atenção do leitor, como o fez Hélio Gomes Soares (Hegos), com *Doutor Furico*, em que aborda o câncer de próstata e alerta os homens a se prevenirem, fazendo o exame no tempo certo.

O registro de linguagem utilizado nesse gênero textual normalmente é o informal, com expressões simples, populares, com fortes marcas da oralidade, ou seja, da modalidade oral (falada) da língua. A variedade linguística que predomina nos cordéis geralmente é a variedade não padrão. Alguns, inclusive, apresentam traços marcantes da fala de pessoas sem instrução escolar, quando estas são personagens de suas narrativas. Em outros, nota-se a presença da variedade padrão da língua, ainda que permeada pelo registro informal.

2. TRABALHANDO OS GÊNEROS

O trabalho foi realizado em duas turmas de primeiro ano do ensino médio. Conforme o programa da disciplina, deveríamos abordar o assunto gêneros textuais. Percebemos que a maioria dos alunos sequer ouvira falar a respeito. Costumavam estudar apenas as tipologias tradicionais, a saber: narração, descrição, dissertação. Desse modo, resolvemos elaborar uma sequência didática (SCHNEUWLY, 2004), com vários gêneros que seriam trabalhados não só para leitura, mas também para produção textual, ao longo do ano letivo.

No 1º bimestre, fizemos uma abordagem geral sobre o assunto, apresentando diversos gêneros textuais. Exploramos bastante a leitura e a compreensão da charge. Cada aluno trouxe, para sala de aula, um exemplar do gênero e o apresentou para os colegas, explorando os aspectos discursivos (Quem produziu? Para quem? Quando? Em que veículo foi publicado? Qual a intenção comunicativa?), composicionais e temáticos do gênero. Em seguida, montamos o *Mural da Charge* na própria sala de aula, de modo que todos que ali entrassem pudessem contemplar a exposição.

Como desenvolvemos também o projeto *Jornal do Câmpus*, porque exploramos muitos gêneros da esfera jornalística da comunicação, estimulamos os alunos a produzir charges com a temática local e do entorno do Câmpus, a fim de publicar no referido jornal. Como nem todos têm habilidade para tal, realizamos um Concurso de Charges, com premiação para os três primeiros colocados. Essa etapa, porém, só se deu do 2º para o 3º bimestre.

No 2º e 3º bimestres, exploramos o gênero crônica. Inicialmente, selecionamos vários exemplares do gênero, a partir de autores nacionais consagrados, como Luís Fernando Veríssimo e Fernando Sabino, e autores locais (potiguares), como Carlos Fialho e Rubens Lemos Filho. Primeiramente, desenvolveu-se apenas a leitura pelo prazer de ler, de saborear os temas do cotidiano na voz e na visão dos cronistas. Depois, fomos discutindo as características comuns entre elas e a semelhança no estilo de cada autor. Adotamos, em seguida, o livro *Comédias para se ler na escola*, de Luís Fernando Veríssimo.

Cada turma ficou dividida em seis grupos, conforme as seis sessões temáticas em que o livro está dividido. Os grupos deveriam apresentar as crônicas para a classe, explorando as características: tema; intenção comunicativa (apenas entreter, entreter e criticar, sensibilizar o leitor, fazê-lo refletir sobre o quê?); situação enunciativa em que

foi produzida; para que leitor; tipo de linguagem adotada (mais coloquial/menos monitorada, presença de linguagem literária); conversa com o leitor; marcas da subjetividade do cronista; forma de organização textual (predominância da sequência narrativa, comentário de fatos colhidos no noticiário, mescla entre narrativa, comentário e lirismo, uso e ou predominância de outras sequências textuais); uso do humor, da ironia e da crítica social.

Cada grupo fez sua apresentação, escolhendo, inclusive, uma crônica para dramatizar diante dos colegas. Através dessas estratégias, eles travaram um maior contato com o gênero em estudo e assimilaram, por conseguinte, suas características.

O cordel foi trabalhado inicialmente, ainda no 2º bimestre, durante o I Fórum Científico e Cultural da Região do Mato Grande, em que realizamos a oficina *Cordel: da leitura à produção*, da qual vários alunos dessas turmas participaram. No 3º bimestre, foi explorado através de alguns grupos de trabalho, pois continuamos com nosso projeto de abordar a maior diversidade possível de gêneros com as turmas. Enquanto alguns GTs trabalhavam com a entrevista, a reportagem, a notícia, a resenha, entre outros, em virtude do projeto *Jornal do Câmpus*, o estudo sobre o cordel era aprofundado por pequenos grupos específicos de alunos.

Para a primeira fase – a de leitura e conhecimento do gênero –, conforme prevê o trabalho por meio dos módulos didáticos – foram apresentados exemplares de temáticas variadas, como *O Romance do Pavão Misterioso*, de José Camelo de Melo (ao estilo tradicional) e *Protesto à pornofonia do forró estilizado*, de José Acaci (um tema bastante atual, uma polêmica de nosso tempo). Entregamos aos alunos um roteiro no qual eles deveriam se basear para procederem à apresentação do seminário aos colegas. Tal instrumento os levava a explorar os aspectos temáticos e discursivos: enunciador do texto; coenunciadores (para quem ele escreve, qual o público leitor); a situação de enunciação/comunicação que motivou a produção do texto; o tema e sua forma de abordagem; a intenção comunicativa.

Além destes, os aspectos composicionais também deveriam ser contemplados: tipo de estrofe, esquema de rima, número de estrofes, métrica utilizada; tipo de sequência textual dominante, utilizada na forma de textualizar o conteúdo temático; em caso de narrativa, identificar como o cordelista abre e fecha a narrativa, se deixa uma mensagem final; presença ou não de acróstico no encerramento do texto; tipo de linguagem empregada (registro informal de língua, marcas de oralidade).

A fase de produção para os três gêneros - objeto deste estudo - deu-se a partir de uma aula de campo interdisciplinar, organizada pelo professor de Português/Literatura, pela professora de Artes e pelos professores de História e Filosofia da instituição. É bem verdade que a produção da charge já fora estimulada através de um concurso que realizamos no Câmpus, porém as que analisamos aqui fazem parte da atividade sugerida através desse evento. A aula foi realizada em Natal-RN, onde visitamos O Forte dos Reis Magos e fizemos uma caminhada pelo centro histórico da capital, ao estilo da Caminhada Histórica do Natal. Além disso, visitamos a redação de um jornal e assistimos a uma peça teatral na Casa da Ribeira, estrelada, inclusive, pela professora de Artes, integrante do elenco. O objetivo era aliar o conteúdo explorado em sala, no caso de nossa disciplina o projeto do jornal da escola, o estilo barroco e o neoclássico de alguns monumentos da cidade, o gênero peça teatral, estudado tanto em Literatura quanto em Artes.

Aproveitamos, também, para solicitar aos alunos a produção de texto nos gêneros que vinham sendo trabalhados ao longo do ano letivo, visto que a aula se realizou no limiar do 4º bimestre. O tema solicitado foi a aula de campo: as curiosidades, os ocorridos, o sucesso ou o fracasso, a organização, a ida, a volta, o

almoço, o lanche, visto que o evento durou todo o dia. Cada grupo ficou responsável pela produção de um gênero diferente a partir do mesmo tema: para produção da reportagem, que requer mais trabalho, um grupo maior de alunos; para a charge e a crônica, por exemplo, dois alunos apenas. Como eram duas turmas, ficou combinado que o melhor texto é que seria publicado no jornal. A melhor notícia (produzida pela turma A e pela B) seria publicada no portal do IFRN (www.ifrn.edu.br). Assim foi feito.

A última fase foi a de divulgação ao público, conforme devem circular os referidos textos. Publicamos, no *Jornal do Câmpus*, duas charges e duas crônicas, além da reportagem sobre a aula de campo, a resenha sobre a peça teatral a que assistimos, a entrevista com a professora e atriz da referida peça. A notícia, dada a celeridade com que deve ser publicada, foi postada, no dia seguinte, no portal da instituição. Quanto aos dois cordéis produzidos, foram editados e depositados na biblioteca da escola. Antes, porém, todos os textos foram apresentados em sala de aula aos próprios colegas, que fizeram suas observações e sugestões e, após a revisão feita pelos autores, com a colaboração do professor, finalmente foram divulgados ao público externo.

Na análise a seguir, daremos conta de apenas três gêneros produzidos: a charge, a crônica e o cordel.

3. ANÁLISE DE ALGUMAS PRODUÇÕES

Os textos produzidos mostram a visão dos alunos a respeito de um mesmo evento – uma aula de campo interdisciplinar. Além disso, contemplam todos os aspectos explorados: discursivos, temáticos e composicionais. No caso da charge, eles aproveitaram para ironizar alguns acontecimentos ocorridos durante o evento, conforme podemos observar a seguir.

Charge 01



A cena acima ocorre na Churrascaria do Arnaldo, onde os alunos foram almoçar. No prato de uma das alunas, em meio ao feijão verde, aparece uma lagarta, o que causa nojo e vômito na menina. No balãozinho, a lagarta diz que também é federal. Nesse caso, os autores aproveitam para ironizar a postura de alguns colegas alunos que se orgulhavam e se achavam melhores que os outros só porque estudavam numa

instituição federal – eram os federais, motivo de orgulho, de postagem nas redes sociais (“Eu sou federal”). Vai aí também uma crítica à churrascaria, que se dizia conceituada na cidade, mas permitiu que um fato dessa natureza viesse a acontecer.

A personagem da charge é a aluna Joane, que vomitou por causa da lagarta. Naturalmente, ela era conhecida de todos que participaram do evento e da maioria dos leitores do jornal: outros alunos, professores, técnicos, alguns pais etc. Além do mais, a charge foi publicada na mesma edição do jornal que noticiava a viagem dos alunos a Natal, numa aula de campo, o que é condizente com o que se aponta sobre esse gênero de texto: é produzido com base no noticiário.

Charge 2



Na charge 2, o tema é outro episódio ocorrido na volta da aula, já no ônibus: o lanche que os professores resolveram oferecer aos alunos: rosca e rola-doce (como o nome já diz, um tipo de doce, a exemplo do sonho de noiva). Os autores da charge, de forma bem humorada, criticam o tipo de lanche, cujo nome provoca duplo sentido, ambiguidade, oferecido a adolescentes. O assunto rendeu muito comentário, muitas gargalhadas semanas a fio. Observamos que, desaprovando o lanche, eles fazem um trocadilho: Rola não rola.

Observamos, ainda, que o personagem central desta charge também é uma figura conhecida do público-leitor do jornal – o professor de Português das duas turmas, o qual, inclusive, costumava chamar alguns alunos de filhotes. É bem verdade que não trata de um tema político, mas nem só de personagens da política vive a charge.

Esses dois fatos selecionados, dentre os muitos que ocorreram durante toda a viagem/aula, pelos alunos chargistas, também foram tema das crônicas e foram mencionados nos cordéis. Vejamos como isso se deu, primeiramente nas crônicas; em seguida, nos cordéis.

Crônica 1

Enjoane

Foi num almoço, lá no Arnaldo, que tudo aconteceu. Durante uma aula de campo, em Natal, com alunos de Informática do IF de João Câmara. Cansados, depois de uma caminhada, todos sentaram em suas mesas, esperando a comida chegar.

(...)

_ Ai, que nojo!

_ O que foi, menina? – disse sua colega.

_ Olha só o que tem no meu prato!

Naquele momento, eu nunca imaginei que poderia acontecer algo assim, ver aquela menina correndo para o banheiro com a mão na boca. Eu pensei... Aliás, todos pensamos que fosse grave. Mas não. Joane, é claro, sempre Joane, sempre enjoando, sempre passando mal, acabara de se deparar com uma “imensa” lagarta em seu feijão verde. Uma lagartinha tão ingênua, tão pititinha não pode causar tanto nojo. Foi vômito pra todo lado.

(...)

_ Putz, vomitar por causa de uma lagarta!

_ Não é, se ela tivesse ao menos mastigado.

_ Mas, gente, isso é nojento mesmo. Eca!

_ Mas chegar a vomitar é demais, é frescura.

E a discussão continuou. Pois é, mal eles sabiam que na volta ao Campus iriam comer rola doce e... a rosca docinha, docinha do professor Milson. Grrrrrrrrrrrrrrrr...

Edivânia Pontes
Larah Câmara

Como se é de esperar do gênero, a crônica 1 aborda um fato do cotidiano, mais especificamente uma cena, um *flash* da vida diária, um fato miúdo (relativamente aos demais ocorridos na viagem), que poderia passar despercebido: uma lagarta que surge na comida da garota. É tratado de forma descontraída e irônica. As autoras ironizam o comportamento da aluna, que vivia sempre enjoando, que já era comum vomitar, passar mal. A lagarta tinha que cair justamente no seu prato. Outra ironia se dá em relação ao tamanho da lagarta, através do termo “imensa” (grafado entre aspas). Na sequência do texto, o leitor fica sabendo que, na verdade, ela era muito pequena. A linguagem utilizada é marcada pelo registro informal, coloquial, como se pode notar em: “Eca”; “Foi num almoço, lá no Arnaldo”; “pititinha”; “Mas, gente”; “frescura”; “pra todo lado”. A sequência narrativa é a forma de textualização escolhida, marcada pelo dinamismo do discurso direto.

O título é curioso e criativo – **Enjoane**. As autoras, através de um processo de derivação prefixal, criam o termo *enjoane* e o associam ao verbo *enjoar*, especialmente ao gerúndio **enjoando**, fazendo um trocadilho com o nome da personagem central da crônica. O desfecho, como costuma ocorrer em muitas crônicas, quando predomina a narrativa, é aberto, momento em que as autoras apontam para outra situação engraçada ocorrida durante o evento, o que é enfatizado na crônica 2.

Crônica 2

Para maiores de 12 anos

(...)

Já estava na hora de nos retirarmos. Estávamos cansados, e um pouco com fome. E teve mais uma vez...

- Lanche!

Mas com tanta criança inocente, os professores compraram logo aquele lanche!

- Gente, o lanche será... ROSQUINHA E ROLA-DOCE – anunciou o professor Wanderlan. Será que aquele lanche não seria demais para crianças digerir? E colocaram a mais inocente de todas para distribuir.

- Vaninha, entregue as rosquinhas. E os meninos peguem as rolinhas. – mandou a professora Pollyanna. Isso não seria exploração infantil? Mandar a criança trabalhar?

(...)

**Sarah Evelyn
Thales Renan**

Essa crônica aborda mais uma cena, mais um fato engraçado ocorrido na volta – a distribuição de um lanche cujos nomes remetem a dubiedades: rola-doce e rosca. Mais uma vez é tratado de forma humorística, uma vez que chamou muita atenção e provocou o riso geral dos envolvidos com a cena. Além disso, os autores usam a ironia na abordagem do tema, como podemos perceber em “[...] tanta criança inocente [...]”. Na verdade, eles querem dizer que se tratava de adolescentes salientes. Outro trecho em que se pode destacar esse recurso linguístico é: “E colocaram a mais inocente de todas (Vanhina) para distribuir.” Na verdade, a garota tinha fama, entre os colegas e em toda a escola, de assanhada, de “periguete”. Além disso, os autores exploram a ambiguidade dos termos (rola-doce e rosca), o que contribui para provocar mais humor entre os leitores.

O título é bastante criativo. Estabelece uma relação intertextual com algumas obras (principalmente filmes), em que é comum a indicação da faixa etária referente ao público ao qual não são recomendadas. Mantém uma relação direta com a idade da maioria dos leitores – os próprios alunos do primeiro ano do ensino médio, todos maiores de 12 anos.

Cordel 1

Uma aula de campo muito louca

(...) E lá na churrascaria

Ninguém pode esquecer

Na comida de Joane

Dava nojo de se ver

Uma lagarta nojenta

Atrás de aparecer

Mas uma coisa é certeza

Não dá para confiar

Em churrascaria imunda

Que lagarta pode andar

Dentro do arroz, feijão

Macarrão é de lascar (...)

E um lanche meio estranho

Vieram nos oferecer

Eu fiquei desconfiado

Só o nome pode dizer

Uma tal de rola-doce

Que fez todos derreter

Rola-doce eu não comi

E nem fiquei com vontade

Só por causa desse nome

Que provoca ambiguidade

Mas pode ficar tranquilo

Era só o lanche da tarde (...)

José Felipe e Jonathan Cordeiro

Nas estrofes acima, percebemos que os alunos assumem o seu discurso como autores, apresentando sua visão a respeito dos fatos, inclusive criticando a churrascaria pelo episódio lamentável da lagarta no feijão. Além disso, manifestam seu ponto de vista em relação ao lanche oferecido, que lhes causou certa repulsa, em virtude da ambiguidade no nome.

Os aspectos composicionais foram contemplados, como se pode observar na métrica setessilábica, no tipo de estrofe (sextilha), com seu esquema de rima bem marcado nos versos pares (2º, 4º, 6º), além do registro informal de linguagem, como é possível atestar em: “*é de lascar*”; “*uma tal de rola-doce*”; “*atrás de aparecer*”.

Cordel 2

Resenhas de um passeio pra Natal

(...) Ainda na capital

O Milson mandou parar

“Vou comprar o nosso lanche!”

“Que diabo ele vai comprar?”

Wanderlan com lanche exótico

Fica, agora, a perguntar:

“Tem rola e rosca-doce

Quem quiser pode pegar!”

Daí a galera tirou onda

Té o cansaço chegar

Foi essa a maior resenha

Que a gente pôde contar (...)

Thiago Marques e Daliane Oliveira

Os autores do cordel 2 também obedecem às mesmas características do primeiro: mesmo tipo de estrofe e, conseqüentemente, mesmo esquema de rima, mesmo tema, com a visão pessoal deles sobre os acontecimentos da viagem/aula. A linguagem menos monitorada também está adequada ao gênero, como se pode atestar em: “*Que diabo ele vai comprar?*”; “*Té o cansaço chegar*”; “*Daí a galera tirou onda*”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto, podemos perceber que os textos analisados se inter-relacionam do ponto de vista do tema e da perspectiva da abordagem, pela utilização do humor, por exemplo, nos três gêneros – charge, crônica e cordel -, características marcantes em sua configuração, sobretudo na charge e na crônica.

No que se refere aos aspectos discursivos, temáticos e composicionais dos gêneros, podemos afirmar que os textos produzidos atendem bem essas propriedades. Foram produzidos e divulgados ao público, conforme a circulação que normalmente ocorre nas esferas da comunicação. Não tiveram como interlocutor apenas o professor. Desde o início, os alunos sabiam que iriam escrever para publicar no jornal ou no portal da instituição, no caso da notícia, (não analisada neste trabalho), da charge e da crônica. Em relação aos cordéis, o guia de instruções os orientava a preparar capa, contracapa (com fotografia e breve biografia), a digitar e editar os folhetos para publicação e depósito na biblioteca do Instituto.

Os resultados obtidos demonstram que conseguimos alcançar os objetivos do nosso trabalho. Conseguimos, ao longo do ano letivo, levar ao conhecimento de nossos alunos a maior diversidade possível de gêneros textuais, tendo em vista a formação de leitores mais proficientes, contribuindo, assim, para desenvolver a competência metagenérica deles. Evidentemente, quanto mais gêneros textuais eles conhecem, mais se desenvolve a sua competência comunicativa, até porque foram realizadas não apenas atividades de leitura, mas também de produção textual.

Este trabalho, portanto, apresenta-se como mais uma possibilidade para o uso do texto e dos gêneros textuais em sala de aula, a fim de proporcionar aos estudantes oportunidades de leitura e produção escrita, visando, assim, a contribuir cada vez mais para a sua inserção no mundo da linguagem, com a qual lidamos e por meio da qual interagimos diariamente.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10 ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. Tradução de Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.
- D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto I: prolegômenos e teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 2005.
- LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia (org.). *Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.
- _____. Projetos pedagógicos para produção escrita nas aulas de língua portuguesa. In: SILVA, E. R. da; LOPES-ROSSI, M. A. G. (org.) *Caminhos para a construção da prática docente*: Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003. p. 93-117.
- _____. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção escrita. In: KARWOSKI, A. M. , GAYDECZKA, B., BRITO, K. S.(org.) *Gêneros Textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 73-84.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M. ; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S.(org.) *Gêneros Textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 23-36.
- MENDONÇA, M. R. de S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. 5 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 194-207.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária – prosa II*. 18 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2010.
- SANTOS, José Milson dos. *O gênero crônica na sala de aula do ensino médio*, 2008. 194 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- SIMON, Luiz Carlos Santos. *Impasses em torno da crônica*. Anais do IV Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo. São Gonçalo, 2007. Disponível em: <http://www.filologia.org.br>. Acesso em 24 mai 2008.